

RESSIGNIFICANDO A VELHICE: UM REENCONTRO AO PROJETO DE SER NA TERCEIRA IDADE

Nicolas Ferreira Buck Barroso¹
Simone Torino Chaves²
Tais Jhiovana Arias da Silva³
Daiany Lara Massias Lopes Sgrinholi⁴

RESUMO: O envelhecimento se constitui como uma realidade considerável da sociedade ocidental, e o seu significado foi, ao longo do tempo, se modificando e se resignificando, assim como se compõe a existência. Respalado na filosofia existencial, este artigo apresenta um fio condutor para pensar o projeto de ser na terceira idade, objetivando elucidar as vivências que compõem o envelhecimento. Sob essa perspectiva, a partir de pesquisas bibliográficas, observa-se que essa fase da vida deve ser encarada como uma oportunidade de autoconhecimento e emancipação, enquanto desafia os discursos sociais nos quais se relaciona a velhice exclusivamente ao adoecimento e morte. Para isso, é essencial que os idosos recebam uma atenção integrativa, considerando, além de questões universais, seus aspectos singulares, como o contexto social em que se inserem e história de vida, dessa forma retomando uma existência não alienada.

Palavras-chave: Velhice. Projeto existencial. Solitude. Corpo.

RE-SIGNIFYING OLD AGE: A REUNION WITH THE PROJECT OF BEING IN OLD AGE

ABSTRACT: Aging constitutes a significant reality in Western society, and its meaning has, over time, been modified and redefined, much like existence itself. Based on existential philosophy, this article presents a guiding thread for reflecting on the project of being in old age, aiming to elucidate the experiences that shape aging. From this perspective, through bibliographic research, it is observed that this stage of life should be viewed as an opportunity for self-knowledge and emancipation, while challenging social discourses that exclusively associate old age with illness and death. For this, it is essential that the elderly receive integrative attention, considering not only universal issues but also their unique aspects, such as the social context in which they are situated and their life history, thus reclaiming a non-alienated existence.

Keywords: Old age; Existential project; Solitude; Body.

RESIGNIFICANDO LA VEJEZ: UN REENCUENTRO CON EL PROYECTO DE SER EN LA TERCERA EDAD

RESUMEN: El envejecimiento constituye una realidad considerable en la sociedad occidental, y su significado ha cambiado y se ha resignificado a lo largo del tiempo, al igual que la existencia misma. Respalado en la filosofía existencial, este artículo presenta un hilo conductor para reflexionar sobre el proyecto de ser en la tercera edad,

¹ Discente do Curso de Psicologia da Universidade Paranaense – UNIPAR.

² Discente do Curso de Psicologia da Universidade Paranaense – UNIPAR.

³ Discente do Curso de Psicologia da Universidade Paranaense – UNIPAR.

⁴ Docente do Curso de Psicologia da Universidade Paranaense – UNIPAR SEDE.

con el objetivo de esclarecer las vivencias que componen el envejecimiento. Desde esta perspectiva, a partir de investigaciones bibliográficas, se observa que esta etapa de la vida debe ser vista como una oportunidad de autoconocimiento y emancipación, desafiando los discursos sociales que relacionan la vejez exclusivamente con la enfermedad y la muerte. Para ello, es esencial que los ancianos reciban una atención integrativa, considerando, además de las cuestiones universales, sus aspectos singulares, como el contexto social en el que se insertan y la historia de vida, retomando así una existencia no alienada.

Palabras clave: Vejez; Proyecto existencial; Soledad; Cuerpo.

1 INTRODUÇÃO

Segundo os dados do Censo de 2022, divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022), a população idosa apresenta ser a faixa etária com maior crescimento populacional quando comparada ao Censo de 2010. Apesar das políticas públicas destinadas ao amparo da terceira idade, tais como o Estatuto do Idoso (Brasil, 2003), na atualidade, a velhice ainda tem sido associada a uma concepção negativa de sofrimento, solidão, doença e morte, junto a uma tentativa de homogeneizar a experiência do envelhecimento (Nogueira; Boris, 2019).

Diante desse cenário, mudar esse quadro significa deixar de entender a velhice como uma etapa final e passar a entendê-la como um estágio, que faz parte do desenvolvimento humano, como um momento significativo da existência, com abertura a possibilidades diante dos projetos de cada indivíduo (Guimarães, 2007; Brito; Menezes; Silva, 2020).

À luz da teoria fenomenológica existencial, a noção de projeto de ser - podendo ser entendido também como projeto existencial - significa a totalidade de escolhas do sujeito, “[...] trata-se de uma totalização que se totaliza incessantemente; os fatos particulares não significam nada, não são verdadeiros ou falsos enquanto não forem referidos pela mediação de diferentes totalidades parciais à totalização em andamento” (Sartre, 2002, p. 36). Ou seja, o sentido da vida é constituído a partir das escolhas que o sujeito faz no decorrer da sua existência, a forma como se lança no mundo, estruturando seu ser no decorrer do processo de viver (Schneider, 2021).

Frente à temática apresentada, esta revisão bibliográfica objetiva realizar questionamentos com a finalidade de promover reflexões acerca da vida dos idosos, possibilitando romper com os discursos reproduzidos em sociedade, que abordam a velhice como doença e/ou problema a ser resolvido e, conseqüentemente, influenciando

na forma como as pessoas idosas experienciam seu desenvolvimento (Nogueira; Boris, 2019), além de resgatar a singularidade e o projeto de ser na terceira idade a fim de romper com os paradigmas a respeito do envelhecimento.

2 FENÔMENO DA VELHICE

Segundo a Organização Mundial da Saúde (2023), a velhice é normatizada a partir de 65 anos ou mais nos países desenvolvidos, e aos 60 anos ou mais nos países em desenvolvimento. Logo, conforme é possível notar, essa etapa pode apresentar variações de acordo com o contexto no qual o sujeito está inserido.

Nas últimas décadas, percebe-se que o número da população idosa vem crescendo consideravelmente. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022), o número de pessoas com 65 anos ou mais de idade cresceu 57,4% em 12 anos. Sabe-se que o processo de envelhecimento é algo contínuo e inevitável; mediante essa perspectiva, verifica-se a importância de promover ao idoso um envelhecimento saudável e de qualidade.

Para entendermos a questão do envelhecimento no país é necessário entender que este é um fenômeno mundial, que nos anos mais recentes, ganhou mais importância nos países em desenvolvimento. Conforme a previsão da ONU, por volta do ano 2050, pela primeira vez na história, o número de idosos será maior que o de crianças abaixo de 14 anos, isto é, a população mundial deve saltar de 6 bilhões para 10 bilhões, sendo que o número de pessoas idosas deve triplicar para 2 bilhões, ou seja, quase 25% da população do planeta. (Bieger *et al.*, 2013, p. 45)

Segundo Minayo e Coimbra (2002), a compreensão para se pensar e encarar a velhice depende de vários fatores envolvidos, como, por exemplo, as condições culturais, históricas, políticas, geográficas e econômicas em que o indivíduo está inserido. A maneira como o indivíduo vive, seus costumes, sua rotina diária e até mesmo o modo de se alimentar são aspectos que irão contribuir para uma velhice saudável ou não. Pensando assim, “[...] cada pessoa vivencia essa fase da vida de uma forma, considerando sua história particular e todos os aspectos estruturais (classe, gênero e etnia) a ela relacionados, como saúde, educação e condições econômicas” (Minayo; Coimbra Junior, 2002, p. 14).

O envelhecimento é um processo desfavorável, ao passo que consideramos o declínio de aspectos fisiológicos e cognitivos, além de ser uma etapa cheia de

estereótipos, dificultando a construção de uma identidade efetiva do idoso. De acordo com Minó e Mello (2021), a falta de informações sobre essa faixa etária gera o preconceito, resultando em imagens e situações negativas, que comprometem a vivência do idoso, cujas consequências podem ser o seu isolamento e a sua exclusão da sociedade.

A velhice, então, pode representar angústia, ansiedade e vulnerabilidade, ou seja, está cercada de idealizações falsas, temores, crenças e mitos. A imagem que se tem da velhice varia de acordo com o tempo, o lugar e a cultura; desse modo, não existe uma concepção única ou definitiva de velhice e sim construções incertas, opostas e variadas no decorrer da história. Algumas pessoas conseguem passar pelo processo de envelhecimento de forma saudável, ativa e mantendo a saúde física e mental. Entretanto, existem aquelas que, infelizmente, foram mais fragilizadas ao longo do tempo e são, hoje, idosos com necessidade de assistência e cuidados para vivenciar essa fase da vida (Dardengo; Mafra, 2019; Cardoso; Dietrich; Souza, 2021).

Os estereótipos sociais da velhice sempre estiveram ligados à degradação biológica e cognitiva, ou seja, “muitas vezes, o idoso é visto como improdutivo e dependente, não sendo capaz de desempenhar, de forma eficaz, qualquer função, seja com relação às áreas profissionais e sexuais, seja com relação ao exercício do seu autocuidado” (Reis; Ceolim, 2007, p. 2).

Segundo o Estatuto do Idoso (Brasil, 2003), o envelhecimento é um direito personalíssimo e a sua proteção um direito social, sendo dever do Estado garantir à pessoa idosa a proteção à vida e à saúde mediante a efetivação de políticas públicas que permitam um envelhecimento saudável e em condições de dignidade. A garantia desses direitos está determinada em legislação, a partir de quando foi criado o Estatuto do Idoso (Lei nº 10.741, de 10 de outubro de 2003), que é considerada uma das maiores conquistas da população idosa brasileira. No entanto, cabe salientar a necessidade de se repensar a vivência dos idosos e a aplicação efetiva dessa conquista. O Estado e a sociedade têm um papel fundamental na garantia desses direitos, os quais se expressam pela saúde física e mental da população idosa.

Ainda de acordo com o decreto, no país “o crescimento da população idosa é cada vez mais relevante, tanto em termos absolutos quanto proporcionais” (Brasil, 2013, p. 5). Os efeitos do aumento dessa população já são percebidos nas demandas sociais, nas áreas de saúde e na previdência. O envelhecimento da população brasileira e a maior longevidade das pessoas idosas são, sem dúvida, um novo desafio que, também, indica

novas perspectivas de vida. Apesar dos fatores biológicos e fisiológicos que caracterizam o envelhecimento, não são eles que definem a finitude da vida de qualquer pessoa, levando em consideração que:

A perda de status social e a solidão durante o envelhecimento também têm se mostrado fatores adversos à saúde das pessoas de mais idade. Contudo, seria equivocado falar de um único paradigma de velhice determinado pela idade ou condição física, pois as pessoas a vivenciam de formas diferentes e dependem do contexto socioeconômico e cultural em que estão inseridas. (Noronha; Castro; Gadelha, 2023)

Segundo Silva (2008), a velhice, como etapa da vida, surgiu apenas no período de transição entre os séculos XIX e XX, a partir de fatores como a formação de novos saberes médicos em relação ao corpo idoso e à institucionalização de aposentadorias. Porém, as sociedades antigas já atribuíam valor aos idosos em razão de suas experiências, tendo em vista que poderiam auxiliar os jovens e transmitir a eles seus conhecimentos (Horn, 2013).

Na Grécia, a concepção do envelhecimento era estabelecida com base na classe social, enquanto os pertencentes à elite eram reconhecidos como sábios, os de classes mais desprovidas representavam doença e morte (Horn, 2013; Cardoso; Dietrich; Souza, 2021). Já em sociedades como o Japão e China, os idosos eram favorecidos e respeitados, devido ao fato de possuírem maior experiência, sendo associados à sabedoria e à autoridade (Beauvoir, 1990).

No século XX, e até mesmo antes disso, os mais velhos dispunham de valor moral e social, eram considerados soberanos e entendidos como anciões da sociedade e, conforme a sociedade foi se reconstruindo, essa concepção foi mudando e, a partir de então, os idosos começaram a ser vistos de uma perspectiva finita de produtividade (Dardengo; Mafra, 2019).

Portanto, o trabalho foi, ao longo do tempo, se constituindo como definidor de nossa utilidade humana na terra, contemplando uma ideia de que nossa vida e projeto de ser termina com o findar de nossas atividades laborais. Essa ideia de utilidade social apenas enquanto mão de obra para o trabalho, se pensada no contexto da terceira idade, fase em que muitas pessoas já se encontram aposentadas, coloca em questionamento a concepção de tempos mais remotos, quando os idosos eram respeitados, favorecidos e considerados como fonte de conhecimento (Santos, 2012).

3 PROJETO DE SER E FINITUDE DA VIDA

Em sua trajetória, Jean Paul Sartre desenvolveu um interesse expressivo no campo da psicologia após estudos sobre a ciência em seu curso de filosofia, o qual despertou seu desejo de se aprofundar e superar as teorias psicológicas da época que se baseavam em ideias a-históricas de sujeitos, causalistas e abstratas. Esse interesse o direciona para o estudo da fenomenologia de Husserl e Heidegger, explorando a ideia fundamental de intencionalidade, conceito basal para a formulação de sua teoria (Schneider, 2011).

Na estruturação da teoria fenomenológico-existencial, institui-se a aparição de dois tipos de seres, o *em-si* e o *para-si*. O primeiro como sendo a objetividade, coisas que não se relacionam com outras, esgotam-se em si mesmas, “[...] não precisam das outras ou do homem para existir, simplesmente são o que são. A mesa não necessita de mais nada para ser mesa, a não ser em ‘si mesma’” (Schneider, 2011, p. 84). Em contrapartida, a segunda estrutura se sustenta na subjetividade, o *para-si* é consciência, não se coincide em si mesma, ela se relaciona com o mundo, com a materialidade e com outras consciências, parte da concepção de intencionalidade, sendo sempre consciência de algo.

Sendo assim, em Sartre, afirmar que “toda consciência é sempre consciência de alguma coisa” é afirmar que a consciência é sempre relação a um objeto transcendente, mesmo que esse objeto seja uma outra consciência, uma imagem, um delírio. As coisas não estão na consciência, sequer a título de representação. A transcendência é a característica essencial da consciência. (Schneider, 2011, p. 86)

Nesse sentido, é possível afirmar que a consciência é vazia, ela se constitui em suas relações com o mundo exterior, sendo uma dialética corpo (*em-si*) e consciência (*para-si*), logo, é uma totalização em curso, é histórica, constitui-se conforme os indivíduos atuam e se relacionam, assim como evidenciado por Sartre (2015, p. 83):

Nosso ser está imediatamente “em situação”, ou seja, surge no meio dessas atividades e se conhece primeiramente na medida em que nelas se reflete. Descobrimos, pois, em um mundo povoado de exigências, no seio de projetos “em curso de realização”: escrevo, vou fumar, tenho encontro com Pedro esta noite, não devo esquecer de responder a Simão, não tenho direito de esconder a verdade de Cláudio por mais tempo. Todas essas pequenas esperas passivas pelo real, todos esses valores banais e cotidianos tiram seu sentido, na verdade, de um projeto inicial meu, espécie de eleição que faço de mim mesmo no mundo.

Por conseguinte, os indivíduos são um constante *vir-a-ser*; à medida que se lançam no mundo e realizam suas escolhas, estabelecem também seu projeto de ser, sendo esse apresentado a partir das decisões fundamentais tomadas pelo sujeito em relação a si mesmo. Essas decisões se apresentam por meio de suas ações, pensamentos e sentimentos, enquanto encaminham para a concretização de seu projeto existencial, que é a busca do ser humano para se realizar plenamente (Schneider, 2011).

Nessa conjuntura, ao compreender a velhice como uma dimensão existencial, o sentido que os sujeitos atribuem a esse período é, também, permeado por seus valores e experiências precedentes, assim como ressaltam Nogueira e Boris (2019, p. 5):

Considerando que cada conduta humana expressa o seu projeto, compreendemos o envelhecimento como uma das expressões de um ser que está em movimento, sendo afetado pelo seu entorno e interferindo nele, sendo singular, mas trazendo à tona uma série de aspectos de âmbitos gerais, tais como tempo histórico, cultura e sociedade.

Para Josgrilberg (2007), na filosofia existencial, o tempo é visto de uma forma diferente daquela convencionalmente conhecida. O ser humano é uma perspectiva de ser, pois o tempo tem outra forma de compreensão quando procura entender os elementos relacionados à humanidade; isso porque essa forma de considerá-lo não se circunscreve à ciência natural, que leva em conta as fases de desenvolvimento de cada indivíduo, isto é, infância, adolescência e velhice.

Considerando que cada etapa da vida tem suas especificidades, a velhice também as terá, nesse sentido, demanda das pessoas ao entorno cuidados que atendam às necessidades do idoso. Porém, em muitos casos, esse cuidado, zelo e proteção não são direcionados aos idosos. Consta no Estatuto do Idoso (2003) e na Política Nacional do Idoso (1994), respectivamente, que:

Art. 3º É obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do Poder Público assegurar ao idoso, com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária. (Brasil, 2003)

Art. 3º, Inciso I – A família, a sociedade e o estado têm o dever de assegurar ao idoso todos os direitos da cidadania, garantindo sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade, bem-estar e o direito à vida. (Brasil, 1994)

Muitos idosos ainda desempenham um papel ativo contribuindo financeiramente no sustento de seus familiares. Segundo Bosi (1995) os idosos sofrem preconceito por

serem considerados mais frágeis pela suscetibilidade a doenças e pela pouca resistência ao trabalho devido às marcas do tempo vivido. Para ele, “Nas épocas de desemprego, os velhos são especialmente discriminados e obrigados a rebaixar sua exigência de salário e aceitar empreitas pesadas e nocivas à saúde. [...] aproveita-se dele o braço servil, mas não o seu conselho” (Bosi, 1995, p. 8). Nas últimas décadas, a população idosa tem se sentido cada vez mais isolada e solitária, sentimentos geralmente associados ao abandono social e/ou estigmas sobre a velhice. Considerando a pandemia de Covid-19, entre anos de 2020 a 2023, essas sensações puderam se agravar, ao passo que “[...] os idosos vivenciaram luto coletivo, alta letalidade de seu grupo etário, abandono de governantes e falta de políticas públicas de proteção social” (Romero *et al.*, 2021, p. 11).

Segundo Menezes (1999), todo indivíduo que hoje é um idoso um dia já foi jovem e até provedor de um lar, já trabalhou e ajudou a criar e a formar filhos, ou contribuiu para a sociedade de alguma forma, mas muitos não recebem o devido valor e o respeito merecido e conquistado ao longo dos anos.

A questão básica e prioritária é perceber a velhice como uma etapa final natural da existência e, o velho, o protagonista principal, não necessariamente como coitado, um miserável, gerando sentimento de pena e de paternalismo por parte das pessoas. Não se trata também de supervalorizar e louvar o velho e a velhice, trata-se apenas, da sensibilidade de uma sociedade e, de uma ética de solidariedade em reconhecer que os valores singulares humanos não se encontram na potência, no vigor e na beleza física, mas sim na dignidade humana. (Menezes, 1999, p. 273)

Ainda para Menezes (1999), muitos princípios de valorização da família foram sendo perdidos ao longo dos anos e principalmente os idosos foram sendo deixados de lado pelas novas gerações. Nesse sentido, essas pessoas experienciam uma velhice permeada por situações etaristas, discriminatórias e violentas, além de possíveis iniquidades sociais, como negligência e abandono, sendo condições que influenciam no modo como essas pessoas vivenciam a terceira idade (Escorsim, 2021; Brito; Menezes; Silva, 2020).

O processo de envelhecimento na visão de Azevedo (2010), ao ser socialmente vinculado a uma concepção negativa, intervém na percepção singular do sujeito idoso a respeito da sua própria vida. Dessa forma, associar o idoso, mesmo aqueles com limitações físicas ou psicológicas, a pessoas inválidas é, no mínimo, cruel e equivocado, visto que envelhecer bem inclui fatores além de experiências comuns, dependendo

também de aspectos subjetivos e singulares como história de vida, percepção de autoimagem e resiliência emocional.

Para Gonçalves (2023), sem um projeto, a realidade humana não tem sua individualidade e, mesmo percebendo que seu projeto pode *não-vir-a-ser*, o indivíduo continua livre em sua preferência. “[...] Essa liberdade sem limites reside até quando se escolhe não escolher, contornando, por excelência, um tédio existencial” (Gonçalves, 2023, p. 171). A experiência psicofísica descrita por Sartre implica em uma relação de não dualidade de corpo e mente. Assim, o corpo deve ser considerado integração e não submissão da mente, assim como descrito por Schneider (2011, p. 119-120):

O corpo é o instrumento e a meta de nossas ações. Nós não empregamos esse instrumento: o corpo, nós o somos, inteiramente. Não é uma relação de uso, é uma experimentação de ser. O corpo está presente em todas as nossas ações, é a sua condição, só que é tomado espontaneamente e, assim, por isso não é apropriado.

As adversidades do corpo idoso excedem as questões biológicas. Isso porque o corpo não é um objeto materializado como posse, mas é também o único meio de experimentação do mundo. É com ele que se trabalha, sente-se o amor, a repulsa, o vento bater no rosto (Escorsim, 2021), ele é a terceira margem do rio (Rosa, 2001), é a vivência; o corpo é o entre e não um dos polos de nossa existência.

Além de questões do corpo e da mente, busca-se retomar “a terceira margem do rio”, que dá nome ao conto de Guimarães Rosa. A metáfora da terceira margem do rio é uma existência liminal, um estágio intermediário. A partir dessa ideia, compreende-se que a vida se dá no entre dos acontecimentos, sobre os quais não se tem mais controle, como a menopausa, as questões ligadas ao envelhecimento do corpo físico e à ideia de finitude da vida. Não podendo esquivar desses fatores e acontecimentos intrínsecos ao envelhecimento, passa-se a sustentar o raciocínio em uma idealização de vida perfeita, por exemplo: “se fosse mais jovem...”; “se tivesse mais dinheiro” etc. No entanto, a vida não é controlada em laboratórios, acontece na terceira margem do rio, na existência.

A velhice é uma fase complexa da vida, marcada por desafios físicos, emocionais e sociais. No pensamento de Jean-Paul Sartre, a velhice ganha contornos ainda mais profundos, sendo vista não apenas como uma condição biológica, mas como um estado existencial que envolve o confronto com a finitude, a perda de papéis sociais e o luto pelas próprias potencialidades. Sartre compreende a velhice como um momento de profunda reflexão sobre o ser e o não-ser, em que o indivíduo é forçado a confrontar a

objetificação social e a angústia do fim iminente (Sartre, 2015). Assim, ele busca investigar a velhice analisando como o luto se manifesta nessa fase da vida e as possíveis formas de ressignificação da existência diante da proximidade da morte. Nesse sentido, como o futuro nunca é dado, mas tão somente possível, o ser do homem está sempre em processo de totalização. Somente o futuro, que precisamente ainda não é, totaliza e significa o ser que sou (Sartre, 2015).

Em tanto que futuro, em efeito, o porvir é prefiguração de um presente que será: nos entregamos nas mãos desse presente, já que somente ele, a título de presente, deve poder confirmar ou refutar a significação prefigurada que sou. De que modo esse presente será por sua vez livre reassunção do passado à luz de um novo futuro, é algo que não podemos determinar, senão somente projetar e esperar. (Sartre, 2015, p. 560)

Para Sartre, a velhice é um estado em que o indivíduo é frequentemente reduzido pela sociedade a uma condição de obsolescência. Esse processo de objetificação é intensificado pelo “olhar do outro”, que fixa o idoso em uma imagem de decadência e perda de utilidade (Sartre, 2015). A sociedade capitalista moderna tende a marginalizar os idosos, reforçando uma visão de que, ao envelhecer, o indivíduo perde sua relevância e suas possibilidades de ser (Sartre, 2006).

De acordo com Bertolino (2007), em uma perspectiva fenomenológica sartriana, que critica o modelo cartesiano, o idoso é frequentemente retratado pela sociedade como alguém que já cumpriu suas responsabilidades e, então, é direcionado a uma postura de passividade e resignação. Essa visão evidencia uma redução de sua liberdade e do papel ativo na construção de seu próprio projeto existencial, configurando uma condição alienada, conforme salienta Sartre ([2015] 1943). Considerar o idoso como submisso e estagnado contribui para a marginalização das pessoas nessa faixa etária, sugerindo que elas devem se conformar com uma vida de inatividade após cumprir seus papéis sociais estabelecidos.

Essa fase da vida é permeada pela angústia do *não-ser* e pela necessidade de ressignificar a própria existência em um mundo que vê o idoso como um “já-findo” (Sartre, 2015). O luto na velhice não se resume, assim, a perdas físicas, mas também à percepção de que o tempo futuro é limitado, levando o idoso a um estado de reflexão profunda sobre suas escolhas e o sentido de sua vida.

A liberdade é a capacidade do idoso de ser livre durante o tempo de sua existência. O conceito de liberdade, para Sartre, implica em fazer algo com aquilo que está dado,

embora, entre as opções, não signifique necessariamente a fazer o que se deseja, quando e como quiser. Esse fato, de determinado ponto de vista, pode parecer cruel, visto que acompanha uma parcela de condenação a liberdade, o que pode causar náusea e angústia à medida que se compreende a total responsabilidade por suas escolhas e modificações em sua vida (Sartre, 2015). Porém, ao se considerar ser possível, de fato, fazer algo capaz exceder o que já está dado, pode-se compreender o conceito de liberdade por outra ótica. Em Sartre, o *para-si* é liberdade, a qual implica a abertura para os seus possíveis e por isso se faz comprometida ou engajada com sua situação (Bocca; Silva; Schneider, 2019).

Nessa direção, pela condição fundamental de a liberdade ser ontológica, é que o Para-si consegue, ou pelo menos tenta conseguir, se libertar do prático-inerte. Essa tentativa é feita por meio de suas livres escolhas, bem como pela possibilidade que tem de mediar com a materialidade e com outras consciências. No sentido acima, o único modo de o Para-si ser é por meio de sua liberdade. (Bocca; Silva; Schneider, 2019, p. 33)

Os desafios enfrentados na velhice, segundo Sartre, envolvem a luta constante para manter a liberdade e a autenticidade, mesmo diante da decadência física e da objetificação social. Sartre (2015, p. 564) afirma que “o homem é condenado a ser livre até o fim, mesmo quando o fim parece iminente”. Esse aspecto da liberdade é crucial para entender o luto na velhice, pois, mesmo diante da proximidade da morte, o idoso ainda pode se afirmar como sujeito de sua existência.

A superação do luto na velhice, de acordo com Sartre, passa pela ressignificação da própria morte e pela aceitação da finitude como parte intrínseca da vida. De acordo com o autor, o luto pode ser transformado em uma fonte de liberdade e autenticidade, se o idoso conseguir se reapropriar de si mesmo e rejeitar a objetificação que lhe é imposta (Sartre, 2015). Esse processo de ressignificação envolve a aceitação da morte como um fim que confere sentido às escolhas passadas, permitindo ao idoso transformar o luto em uma forma de libertação.

Na concepção de Sartre (2015), a morte não é vista como um evento trágico, mas como uma inevitabilidade que reforça a liberdade do indivíduo. Na velhice, a aceitação da finitude pode permitir ao idoso viver de maneira mais autêntica, liberando-se do peso do passado e das expectativas de um futuro que não virá. “Aceitar a morte é afirmar a própria liberdade até o último instante” destaca Sartre (2006, p. 467). Nesse sentido, a experiência do luto na velhice se torna não apenas uma experiência de perda, mas também de reafirmação do ser.

4 A VELHICE COMO POSSIBILIDADE

Com o aumento da população idosa, observa-se uma crescente busca por um envelhecimento saudável, por meio de atividades físicas, alimentação equilibrada e cuidados com a saúde. Frente a essa realidade, é cada vez mais necessária a ampliação de serviços e programas, bem como é fundamental trabalhar ações preventivas e promocionais que visem o bem-estar do idoso, atendendo às suas necessidades (França; Murta, 2014; Nepomuceno, 2023).

Em uma publicação disponibilizada pelo Portal Fiocruz (2021), Dalila Romero, mestre em demografia, doutora em Saúde Pública e chefe do Laboratório de Informação em Saúde (LIS) do Instituto de Comunicação e Informação Científica em Saúde (Icict/Fiocruz), apresentou a seguinte afirmação: “envelhecer no Brasil é muito perigoso” (Fiocruz, 2021). Considera, ainda, que “cada vez mais, o envelhecimento vai chegar mais cedo no Brasil, devido à grande perda que temos em qualidade de vida em geral, que já vem de antes da pandemia” (Fiocruz, 2021). Esse comentário se baseia em pesquisas que há décadas vêm sendo realizadas no Brasil e, principalmente, devido às recentes reformas da Previdência, responsáveis por modificar os requisitos para a aposentadoria e por reduzir as pensões, entre outros fatores.

Com a Constituição Federal de 1988, ocorreram grandes avanços nas políticas de proteção social ao idoso. A rede de proteção social deixou de estar apenas vinculada ao contexto social, trabalhista e assistencialista, logo, passou a ter como foco o conceito de seguridade social, estando voltada ao direito e à cidadania. Nesse contexto, o Estatuto da Pessoa Idosa (2003) reafirma os direitos da população na terceira idade e deveres da sociedade como um todo:

É obrigação do Estado e da sociedade, assegurar à pessoa idosa a liberdade, o respeito e a dignidade, como pessoa humana e sujeito de direitos civis, políticos, individuais e sociais, garantidos na Constituição e nas leis (Brasil, 2003).

Cabe, dessa maneira, ao Estado e a família garantir a proteção à vida e à saúde do idoso, zelando pela dignidade da pessoa idosa (Brasil, 2003). Junto à velhice, surge a angústia em relação à perda de autonomia e à fragilidade do corpo, por isso, é fundamental o apoio de uma forma global, de modo que possam ocupar-se, mantendo o bem-estar físico e mental.

Outro fator importante a ser discutido é a importância da inserção do idoso na sociedade. Está assegurado, no Estatuto do Idoso, art. 21. que “o Poder Público criará oportunidades de acesso do idoso à educação, adequando currículos, metodologias e material didático aos programas educacionais a ele destinados”. Entretanto, é dever também da família contribuir com esse processo. O apoio da família ajuda a manter a integridade física e psicológica, quando, conseqüentemente, há uma melhoria na qualidade de vida do idoso (Moliterno *et al.*, 2012). Cabe à família incentivar o idoso a participar de grupos e projetos de socialização, incentivar as atividades sociais e físicas, promovendo um envelhecimento ativo, sem contribuir para o isolamento social da pessoa idosa.

Quando o indivíduo alcança a fase do envelhecimento, também apresenta as marcas dos anos vividos, não só quanto à estética e aparência física, mas também quanto às experiências e à forma de conceber suas vivências. A qualidade de vida na velhice é um processo individual, ou seja, o modo como uma pessoa avança para a velhice está diretamente ligado aos cuidados que teve durante o percurso de sua vivência, pelas escolhas feitas e pelos princípios e valores vividos (Schneider; Irigaray, 2008; Escorsim, 2021).

Além das inúmeras características orgânicas, Papaléo Netto (2013) acrescenta outros fatores a serem considerados, como a solidão, as perdas psicológicas, motoras e afetivas. Conforme acrescenta Silva (2008), a velhice é um ciclo vital que passeia entre estigmas, características negativas diante do vivido e, além disso, é uma fase intensa de perdas, dos projetos de vida, família, emprego, do corpo jovial e da própria vida.

Diante de todas as facticidades que são acrescentadas nessa etapa, os valores, a experiência de envelhecer, e de ser idoso, são ressignificados pelo sujeito a seu modo, o que demarca a velhice como uma etapa singular, cujo chamamento vai de encontro com os acontecimentos, às determinações (históricas, biológicas, sociais e econômicas) e com aquilo que o próprio idoso fizer de si frente a isso. (Gonçalves *et al.*, 2020, p. 37)

Outro fator relacionado à saúde do idoso que tem se modificado na atualidade é a sua sexualidade. Para Gatti e Pinto (2019), o aumento do número dessa população no Brasil, devido à sua participação social e à melhora das condições de saúde, tem viabilizado a formação de novas formas de se relacionar afetivamente e redescobrir a sexualidade. A sexualidade é uma necessidade básica e pode ser vista assertivamente para

a qualidade de vida da pessoa idosa. É um processo próprio da vida que cumpre a necessidade fisiológica e emocional do idoso.

Ainda para Gatti e Pinto (2019), a desmotivação frente a algumas questões relacionadas às fragilidades fisiológicas, afetivas e sociais, a falta de projeto futuro, representações negativas quanto à autoestima e autoimagem e mudanças psíquicas são a principal condição psicológica nessa contextura.

É preciso ressaltar a necessidade de se questionar e repensar uma estrutura e cultura de adoecimento mental, advinda de uma corrente de preconceitos estruturantes, não cabendo aqui observar a existência ou não desse tipo de pensamento, pois de fato ele existe e é causa de doenças. Compete apresentar e correlacionar, de maneira breve, a relação do sistema capitalista com a abdicação do trabalhador ao seu próprio projeto existencial, ao passo que o capitalismo possui como um de seus pilares o caráter massificador de produção de trabalho e, conseqüentemente, de modo de vida. Dessa forma, alude-se ao momento em que as forças de trabalho precisam, por uma relação de poder, se submeter ao projeto de ser do seu patrão, o capitalista (Santos, 2012, p. 162).

Sendo assim, além das já comentadas questões biológicas, vale desenvolver o questionamento da influência do trabalho ao longo da vida dos atuais e futuros idosos enquanto projeto que molda os sujeitos e influencia na construção de qualidade de vida de cada pessoa. O trabalho, como é conhecido na atualidade, tende a ser algo finito na vida de todas as pessoas, porém, as pessoas precisam trabalhar durante demasiado tempo, no mínimo 30 anos, para a mulher, e 35 anos para o homem (Brasil, 1943), para conseguirem se aposentar. Logo, o trabalho compreende uma parcela valiosa da vida desses sujeitos. Dessa forma, por vezes, quando os idosos se aposentam, surge uma necessidade de ressignificação do projeto existencial (Santos, 2012).

O cuidado com a terceira idade se coloca para além de aspectos gerais. Logo, deve considerar suas singularidades, como saúde geral, questões históricas pessoais, além de recortes de cor, raça, gênero, sexualidade, e fenômenos sociais, como, por exemplo, o advento da pandemia de Covid-19, objetivando a transcendência para o próprio projeto de ser de cada pessoa idosa. Isso porque esse projeto se ressignifica com o passar do tempo e das decisões que compõem a vida de cada indivíduo. E, apesar de existirem fenômenos que atravessam diretamente a vida das pessoas da terceira idade no geral, como o envelhecimento das células e o declínio no padrão físico de vida, essas questões

devem ser vistas exatamente como são: atravessamentos e não impedimentos (Veras; Oliveira, 2018).

Um estudo realizado por Brito, Menezes e Silva (2020) explora diversas oportunidades de envolvimento cultural e social para idosos, incluindo dança, viagens, projetos de ensino e aprendizagem, contato com artes e cursos de inglês, que é o foco principal da pesquisa. Essas atividades não apenas promovem a ocupação, mas também oferecem experiências que favorecem a saúde, a liberdade, a autonomia e novos projetos de vida. Questões como solidão e tempo ocioso podem ser mitigadas por meio dessas experiências, que favorecem a vivência e a inclusão dos idosos na sociedade contemporânea.

Além das atividades mencionadas, é importante considerar a valorização da sabedoria e das experiências acumuladas pelos idosos. Iniciativas que incentivem a troca intergeracional, como mentorias ou programas de voluntariado, podem fortalecer laços sociais e oferecer uma sensação de pertencimento. Essas interações não só beneficiam os jovens, que aprendem com a vivência dos mais velhos, mas também promovem a autoestima e a relevância dos idosos na comunidade. Assim, ao integrar os idosos em projetos colaborativos e sociais, cria-se um ambiente propício à troca de conhecimentos e ao respeito mútuo, essencial para um envelhecimento ativo e satisfatório (Rocha *et al.*, 2009, Mendes *et al.*, 2019).

Embora essas sugestões não sejam regras rígidas, elas servem como diretrizes para o cuidado e a construção de uma vida significativa, desafiando visões estereotipadas e limitantes. Encarar a velhice como uma possibilidade e reconhecer a vida cotidiana e todos as suas nuances como um fator de construção de saúde mental é fundamental para transformar essa idealização na realidade, beneficiando não apenas os idosos, mas toda a população (França; Murta, 2014; Mendes *et al.* 2019).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A velhice, ainda na atualidade, é permeada por preconceitos e estigmas, os quais influenciam na vivência dos idosos. Assim, essas pessoas abraçam a condição de ser que lhes foi socialmente imposta, a partir de ideias errôneas e negativas, causando, como consequência, um processo de exclusão e isolamento dessa faixa etária nas diversas atividades e setores da sociedade. Entretanto, a forma de encarar a velhice se faz, também,

a partir das construções singulares que os indivíduos realizam no decorrer de toda sua existência, sendo um processo dialético, singular/universal, ao passo que o entendimento e crenças do sujeito a respeito da terceira idade se constitui também por suas experiências precedentes.

Entendendo que a construção da velhice se faz de forma simultânea, abarcando os aspectos sociais e também os singulares do indivíduo, é essencial uma nova concepção do envelhecer capaz de romper com os preconceitos em relação ao corpo idoso.

Conforme é possível compreender a partir da filosofia existencial de Sartre, os indivíduos estão constantemente se compondo pela sua realidade ao mesmo tempo que a compõem. Nesse sentido, quando o indivíduo faz suas escolhas, também as realiza para o mundo, sendo uma totalização em curso, um ser “em situação”. Nesse sentido, ao se lançarem no mundo e realizarem suas escolhas, buscam a concretização de seu projeto de ser, o qual impulsiona a existência de forma ativa e engajada. Logo, o idoso não deve ser visto como um projeto concluído, pois esse propósito se findará apenas com a morte, constituindo-se como um eterno *vir-a-ser*.

Por fim, faz-se essencial ao Estado, em conjunto com a família e população geral, oferecer maiores oportunidades e serviços para auxílio da população idosa a fim de superar os empecilhos que contribuem para o fenômeno do isolamento e exclusão social na velhice, além de contribuir para o progresso de seu projeto de ser, superando suas limitações físicas e o aliando às suas condições existenciais.

Ademais, é de suma importância a construção de uma fibra social que não associe um projeto de ser a uma condição ideal em termos físicos, biológicos e sociais. Isso porque esse discurso nada mais é que uma forma capacitista e errônea de concepção da realidade humana.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, E. L. **Um palco de múltiplas vozes: a nova invenção dos/as idosos/as em luta pela cidadania.** 2010. 152 f. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.

BEAUVOIR, S. **A velhice.** Trad. Maria Helena Franco Martins. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990 [1970].

BERTOLINO, P. **Razão e Ciência: o impasse cartesiano.** Núcleo Castor, 2007. Disponível em: <<https://nuca.org.br/wp-content/uploads/2020/03/Razao-e-Ciencia-O-impasse-cartesiano.pdf>>. Acesso em: 12 set. 2024.

BIEGER, J.; SILVA, L. S.; FRITZKE, C. C. W.; CARON, M. R. O envelhecimento (como) expressão da questão social e algumas considerações pertinentes ao exercício profissional. *In.*: I CONGRESSO CATARINENSE DE ASSISTENTES SOCIAIS. **Anais...** CRESS, SC: Florianópolis, SC, ago. 2013.

BOCCA, M. C.; SILVA, C. A. F. da; SCHNEIDER, D. R. Sartre e o duplo percurso de análise da realidade humana: psicanálise existencial e método progressivo-regressivo. **PERI**, v. 11, n. 1, p. 18-37, 2019.

BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome. Secretaria Nacional da Política de Cuidados e Família. **Nota Informativa nº 5/2023**. Brasília, DF: MDS/SNCF, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/mds/pt-br/noticias-e-conteudos/desenvolvimento-social/noticias-desenvolvimento-social/mds-lanca-diagnostico-sobre-envelhecimento-e-direito-ao-cuidado/Nota_Informativa_N_5.pdf>. Acesso em: 16 jul. 2024.

BRASIL. **Estatuto do Idoso**. 3. ed. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2013. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/estatuto_idoso_3edicao.pdf. Acesso em: 18 jul. 2024.

BRASIL. Lei n. 10.741, de 1 de outubro de 2003, dispõe sobre o estatuto do idoso e dá outras providências. Brasília, DF: **Diário Oficial da União**, 2003. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.741.htm>.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidente da República, [2024]. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 17 jul. 2024.

BRASIL. Lei nº 8.842, de 4 de janeiro de 1994. Dispõe sobre a política nacional do idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências. Brasília, DF: **Diário Oficial da União**, 1994.

BRASIL. **Decreto-lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943**. Aprova a Consolidação das Leis do Trabalho. Rio de Janeiro, RJ, maio 1943. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del5452.htm>. Acesso em: 18 jul. 2024.

BRITO, C. C. P., MENEZES, S. F., SILVA, D. U. C. Projeto ELITI: representações discursivas dos alunos sobre a aprendizagem de língua inglesa. *In.*: TAVARES, C. N. V., MENEZES, S. F (Org.). **Envelhecimento e modos de ensino aprendizagem**. Uberlândia: EDUFU, 2020, p. 84-102.

CARDOSO, E.; DIETRICH, T. P.; SOUZA, A. P. Envelhecimento da população e desigualdade. **Brazilian Journal of Political Economy**, v. 41, n. 1, p. 23–43, jan. 2021.

DARDENGO, C. F. R.; MAFRA, C. T.. Os conceitos de velhice e envelhecimento ao longo do tempo: contradição ou adaptação? **Revista de Ciências Humanas**, v. 18, n. 2, jul./dez. 2019.

ESCORSIM, S. M. O envelhecimento no Brasil: aspectos sociais, políticos e demográficos em análise. **Serviço Social & Sociedade**, n. 142, p. 427-446, set. 2021.

FIOCRUZ. **Mês do Idoso**: pesquisadora analisa o envelhecimento no Brasil. Fiocruz, 7 set. 2023. Disponível em: <<https://portal.fiocruz.br/noticia/mes-do-idoso-pesquisadora-analisa-o-envelhecimento-no-brasil>>. Acesso em: 31 ago. 2024.

FRANÇA, L. C; MURTA, S. G. Prevenção e Promoção da Saúde Mental no Envelhecimento: Conceitos e Intervenções. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 34, n. 2, p. 318-329, 2014.

GATTI, M. C.; PINTO, M. J. C.. Velhice ativa: a vivência afetivo-sexual da pessoa idosa. São José do Rio Preto, **FAMERP**, v. 16, n. 2, jul./dez. 2019.

GONÇALVES, T. S. **A morte vivida**: o paradoxo da finitude em Jean-Paul Sartre. Toledo. 2023. 235 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Filosofia). Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Paraná, Toledo, 2023.

GONÇALVES, T. S.; SOUZA, S. R. de; ARAÚJO, G. M.; SGRINHOLI, D. L. M. L. Perder e reexistir: o ser idoso enlutado diante da perda amorosa à luz da fenomenologia existencial sartreana e das memórias de Simone de Beauvoir. **Revista Kairós-Gerontologia**, v. 23, n. 2, p. 643-665, 2020.

GUIMARÃES, E. C. Reflexão sobre a velhice. **CES Revista**, v. 21, n. 1, p. 11-23, 2007.

HORN, V. Q. **A imagem da velhice na contemporaneidade**. 2013. 23 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Psicologia). Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Unijuí, 2013.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Brasileiro de 2022**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022.

JOSGRILBERG, F. P. A temporalidade a partir da perspectiva existencial. **Revista da abordagem gestáltica**, v. 8, n. 1, p. 64, jan./jun. 2007.

MENDES, A. S. C.; BATISTA, M. K. B.; ARRUDA, R. C.; LEANDRO, K. K. P. F. Promoção da saúde mental da pessoa idosa e as contribuições da terapia comunitária integrativa. *In.*: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ENVELHECIMENTO HUMANO (VI CIEH). **Anais...** Campina Grande: Realize Editora, 2019.

MENEZES, M. R. **Da violência revelada à violência silenciada**: um estudo etnográfico sobre a violência doméstica contra o idoso. 1999. Tese (Doutorado em Enfermagem). Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 1999.

MINAYO, M. C. S.; COIMBRA JÚNIOR, C. E. A. (Orgs). **Entre a liberdade e a dependência**: antropologia, saúde e envelhecimento. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002.

MINÓ, N. M.; MELLO, R. M. A. V. Representação da velhice: reflexões sobre estereótipos, preconceito e estigmatização dos idosos. **Oikos: Família e Sociedade em Debate**, v. 32, n. 1, p. 273-298, 2021.

MOLITERNO, A. C. M.; FALLER, J. W.; BORGHI, A. C.; MARCON, S. S.; CARREIRA, L. Viver em família e qualidade de vida de idosos da Universidade Aberta da Terceira Idade. **Revista de enfermagem UERJ**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 179-184, 2012.

NEPOMUCENO, C. A. A importância da dieta saudável associado a exercícios de resistência para melhoria da qualidade de vida em idosos. **Revista científica semana acadêmica**, Fortaleza, 2022, n. 000228, 2 jan. 2023.

NOGUEIRA, C. F.; BORIS, G. D. J. B.. Envelhecimento na perspectiva fenomenológico-existencial de Sartre e de Beauvoir. **Revista de psicologia**, Santiago, v. 28, n. 2, p. 95-109, dez. 2019.

NORONHA, J. C.; CASTRO, L.; GADELHA, P. (Orgs). **Doenças crônicas e longevidade**: desafios para o futuro. Rio de Janeiro: Edições Livres, Fundação Oswaldo Cruz, 1. ed., 2023.

PAPALÉO NETTO, M. P. História da velhice no século XX: histórico, definição do campo e temas básicos. *In.*: PERES, F.; PY, L. (Orgs.). **Tratado de geriatria e gerontologia**. 2. ed. p. 2-12. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006 [e-book].

REIS, P. O.; CEOLIM, M. F. O significado atribuído a “ser idoso” por trabalhadores de Instituições de Longa Permanência. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 41, n. 1, 2007.

ROCHA, I. A. da; BRAGA, L. A. V.; TAVARES, L. de M.; ANDRADE, F. B. de; FERREIRA FILHA, M. de O.; DIAS, M. D.; SILVA, A. O. A terapia comunitária como um novo instrumento de cuidado para a saúde mental do idoso. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 62, n. 5, p. 687-694, set. 2009.

ROSA, J. G. **Primeiras estórias**. 15. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

ROMERO, D. E.; MUZY, J.; DAMACENA, G. N.; SOUZA, N. A. de; ALMEIDA, W. da S. de; SZWARCOWALD, C. L.; MALTA, D. C.; BARROS, M. B. de A.; SOUZA JÚNIOR, P. R. B. de; AZEVEDO, L. O.; GRACIE, R.; PINA, M. de F. de; LIMA, M. G.; MACHADO, Í. E.; GOMES, C. S.; WERNECK, A. O.; SILVA, D. R. P. da. Idosos no contexto da pandemia da COVID-19 no Brasil: efeitos nas condições de saúde, renda e trabalho. **Cadernos de saúde pública**, v. 37, n. 3, 2021.

SANTOS, T. T. Sartre e a Revolução: um estudo acerca da evasão do homem contemporâneo do estado alienado segundo Jean-Paul Sartre. **Existência e arte**, n. 7, jan.-dez. 2012.

SARTRE, J. P. **O ser e o nada**: ensaio de ontologia fenomenológica. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

SARTRE, J. P. **O imaginário**: psicologia filosófica da imaginação. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Editora Perspectiva, 2006.

SARTRE, J. P. **Crítica da razão dialética**: precedido por questões de método. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SCHNEIDER, D. R.; SOUSA, A. de L.; THUROW, C. F.; BORGES, C. D.; RODRIGUES, G.; CANTELE, J.; STRELOW, M.; LEVY, V. L. dos S.; TORRES, P. T. “Projeto de Ser” como Fundamento Epistemológico para Práticas em Saúde Coletiva. **Revista subjetividades**, v. 21, n. Esp1, 19 jun. 2021.

SCHNEIDER, D. R. **Sartre e a psicologia clínica**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2011 [e-book]. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/187669/Sartre%20e%20a%20psicologia%20cl%C3%ADnica%20e-book.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 15 jun. 2024.

SCHNEIDER, R. H.; IRIGARAY, T. Q. O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. **Estudos de psicologia I Campinas**, v. 25, n. 4, p. 5, out.-dez. 2008.

SILVA, L. R. F. Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. **História, ciências, saúde-Manguinhos**, v. 15, n. 1, p. 155–168, jan. 2008.

VERAS, R. P.; OLIVEIRA, M. Envelhecer no Brasil: a construção de um modelo de cuidado. **Ciência & saúde coletiva**, v. 23, n. 6, p. 1929-1936, jun. 2018.